



A vida por um fio

*Nara Amália Caron**, Porto Alegre
*Rita de Cássia Sobreira Lopes***, Porto Alegre
*Marlete Diesel****, Porto Alegre
*Lea Lubianca Thormann*****, Porto Alegre

Sem Théo não haveria Vincent. Pensamos no quanto o ser humano necessita do ambiente para tornar-se real, criar e acreditar. Théo representou na vida de Vincent Van Gogh este porto seguro. Encontramos em Winnicott, em Cartas a Théo e em três biografias sobre Van Gogh as referências necessárias para acompanhar a impressionante trajetória de Van Gogh, um caso exemplar da luta humana pela vida e da difícil caminhada na busca do si mesmo.

Palavras-chave: si mesmo, natureza humana, ambiente, Van Gogh.

* Psiquiatra, psicanalista didata e membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

** PhD em Psicologia pela Universidade de Londres, professora do curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisadora do CNPq.

*** Psicóloga, especialista em educação infantil (UFRGS), capacitação em Psicologia Hospitalar – Neonatologia (HCPA – UFRGS).

**** Psicóloga e membro aspirante graduada da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).



“Agora sinto que meus quadros não são suficientemente bons para compensar as vantagens que aproveitei através de você. Mas acredite-me, se um dia eles forem suficientemente bons, você terá sido também seu criador, tanto quanto eu, porque nós os estamos fazendo juntos” (Van Gogh, 2010).

Sem Théo não haveria Vincent. Essa instigante frase de Veríssimo (2011), em sua crônica *La tristesse*, foi que nos motivou a releitura de Vincent Willem Van Gogh, descobrindo a profunda e sensível relação de amizade com o irmão mantida até o final de sua vida e descortinando os muitos nascimentos do pintor, suas descobertas e seu talento. Utilizamos como material de pesquisa três biografias de Van Gogh e *Cartas a Théo*.

Apoiadas neste material, encontramos um Van Gogh diferente do habitualmente retratado nos estudos de psicanálise aplicada sobre o autor e sua obra. Ao contrário de muitos textos que privilegiam as circunstâncias de seu nascimento e sua patologia, fomos surpreendidas por outros aspectos como sua luta pela vida, a busca incessante de si mesmo, bem como pela sua criatividade, mantida até o final. Além da capacidade de expressão pela pintura, Vincent surpreende com sua capacidade de expressão escrita; através dela integra a sensibilidade e o olhar do artista, o homem doente e o homem culto, o pintor, o escritor e o poeta. Com este trabalho, pretendemos demonstrar como Van Gogh desenvolveu o máximo de seu potencial criativo na presença de um cuidado ambiental contínuo proporcionado pela família e especialmente pelo irmão Théo. Apresentamos, inicialmente, a sua trajetória, reconstruída já a partir de um embasamento psicanalítico e, ao final, algumas reflexões a partir desta reconstrução. Sem buscarmos intencionalmente, encontramos na história de Van Gogh um caso *winnicottiano* exemplar da luta do ser humano para alcançar e manter a vida, bem como para realizar o seu potencial criativo.

Vincent Willem Van Gogh, primogênito de uma família de seis irmãos, nasce em 30 de março de 1853, na pequena aldeia de Grott-Zundert, no Brabant – Holanda. Vem ao mundo exatamente um ano após o nascimento de um irmão natimorto com o mesmo nome, uma homenagem aos seus dois avós – costume dessa época. Theodorus Van Gogh – Théo – era quatro anos mais novo que Vincent. Tem o mesmo nome do pai. A mãe, Anna Cornelia Carpentus, é uma mulher admirável, capaz de despertar muito amor. Vive até a avançada idade de oitenta e



sete anos e conserva até o fim a energia e o espírito que fazem com que suporte todas as vicissitudes da vida. Algumas qualidades presentes em Vincent são herdadas da mãe: a grande energia e força de vontade, o profundo amor pela natureza, a habilidade com o lápis e o pincel, assim como a facilidade com que consegue expressar seus pensamentos no papel.

Vincent é descrito como criança que impressiona pela aparência: cabelos ruivos flamejantes, sardas, olhos azuis. Alguns falam de feiura. Tanto a aparência quanto o caráter lembram a mãe. Tem estatura média, ombros bastante largos, dando a impressão de ser forte e robusto. É sempre lembrado como um menino taciturno, arredio, pouco sociável, difícil e entregue a si mesmo. Muito independente, parece um gato selvagem no campo, afastando-se da casa paterna desde pequeno, indo para longe, para realizar explorações, por vezes percorrendo até dez quilômetros.

Vincent sempre mostra-se um observador agudo da natureza. Tem um gosto especial pelo fim do dia e pelo pôr-do-sol porque difunde os dourados, os amarelos e alaranjados intensos. Fascinado pelas flores raras e por insetos e animais aquáticos, coleciona, etiqueta todos, como um naturalista examina detalhes. A partir de certa época, passa a ser acompanhado por Théo em suas caminhadas. A poesia da vida rural no Brabant marca a infância dos irmãos. Vincent teria dito, em certa ocasião: “Sempre permanecerá em nós alguma coisa dos campos cultivados e das terras devolutas do Brabant” (Bonger, 2008, p. 38). Jamais perde a sua aparência de *caipira do interior*. Certa vez, aos vinte anos, morando em Londres, Théo lhe manda por um amigo da família uma coroa de folhas de carvalho trançada por ele em casa durante as férias e um maço de capim para que ele tenha algo em seu quarto que não o deixe esquecer de seus amados campos e bosques. Quando doente em Arles, já com mais de trinta anos, e Théo vai visitá-lo, deitando a cabeça no travesseiro ao seu lado, teria dito: “Exatamente como em Zundert”. E escreve:

Durante minha doença, eu via novamente cada peça da casa de Zundert, cada caminho, cada planta do jardim, a paisagem dos campos que se avistava de casa, os vizinhos, o cemitério, a igreja, nossa horta nos fundos – cada detalhe, até mesmo um ninho de pega em uma acácia alta que crescia no cemitério (Bonger, 2008, p. 39).

Ao longo da vida, fazem muitas descobertas e autodescobertas. A parceria entre eles inclui brincadeiras, caminhadas e explorações no campo, durante a infância; na vida adulta compartilham o gosto pela arte. Cumplicidade, fidelidade



e satisfação permeiam a convivência entre os irmãos. Na biografia de Jo Van Gogh-Bonger, esposa de Théo, encontramos referências afetuosas à relação entre ambos:

[...] em meus pensamentos, eu continuo o tempo todo com Théo e Vincent. [...] como era infinitamente delicada, terna e amável a qualidade desse relacionamento. O amor que eles tinham um pelo outro, a maneira como eles compreendiam um ao outro [...] como era comovente a dependência de Vincent em certas ocasiões – Théo nunca lhe permitia sentir assim, porém, às vezes, ele mesmo entendia a situação de sua dependência e, nessas ocasiões, suas cartas eram tão tristes (Bonger, 2008, p. 15).

Quando Vincent conta onze anos e Théo, sete, eles se separam. Vincent é mandado para o internato na escola Jean Provily, a trinta quilômetros de casa. O gesto dos pais objetiva retirar Vincent da influência dos rudes filhos de lavradores, além da não adaptação do filho à escola da aldeia. Os pais o levam de carruagem e Vincent nunca aceita ou esquece a cena de despedida. Sente-se excluído da família, o que é evocado aos vinte e três anos em carta a Théo:

Era um dia de outono. Eu estava de pé na entrada da escola do Sr. Provily, seguia com os olhos a carruagem na qual papai e mamãe iam embora de volta para casa. Avistava de longe a pequena carruagem amarela na longa estrada molhada pela chuva, margeada por árvores raquíticas, correndo através do campo. O céu cinza, por cima de tudo, se refletia nas poças d'água [...]. Entre esses instantes e o dia de hoje se estenderam os anos em que me senti alheio a tudo (Haziot, 2010, p. 21).

Permanece no internato por dois anos, não tendo ficado claro por que o abandonou. Tem enorme facilidade para aprender rapidamente, lê, fala e escreve em outras línguas. Após, vai para outra escola em Tilburg, chamada de vanguarda por ter no currículo educação artística. No entanto, segue sentindo-se alheio na escola. Seus estudos são interrompidos aos quinze anos, o que era considerado um pouco cedo para um adolescente do seu meio. Retorna, então, à casa paterna onde permanece por quinze meses peregrinando sozinho, enquanto Théo segue os estudos regulares. Atormentado pelo fracasso, escreve: “Que eu não seja um filho de que me possam se envergonhar” (Haziot, 2010, p. 24).

Era necessário escolher uma profissão, enfrentar a vida. Parece que Vincent Willem Van Gogh – tio Cent – rico comerciante de quadros, sem filhos, com boa



relação com a família, sonha em ter Vincent como herdeiro. Parte dele uma proposta: Vincent será negociante de quadros. Tio Cent é um marchand com clientela abastada que inclui a família real da Holanda. Pensa em termos europeus e não regionais, tendo se associado em 1861 com Adolphe Goupil, grande marchand francês, com galerias em Paris, Londres, Berlim e Nova York. Surge daí a necessidade de uma filial na Holanda, vindo esta a ser a agência do tio Cent.

Aos dezesseis anos Vincent sai de casa, vai morar com uma família ligada aos Van Gogh e se inicia no novo ofício. É o mais jovem empregado da Casa Goupil em Haia, local onde, três anos depois, também vai trabalhar Théo. Diligente, estudioso, Vincent é admirado por todos. Rapidamente se descobre apreciador, conhecedor erudito, um apaixonado pela pintura. Continua com suas caminhadas, pois ama muito a natureza e acha que esta é a forma de compreender a arte. Assim vai construindo a peculiar ligação entre caminhada e arte.

Ele é o melhor vendedor. Poliglota, todos o solicitam pelo conhecimento, inteligência e sensibilidade rara. Tio Cent o vê como uma estrela nos negócios da arte na Europa e resolve enviá-lo a Londres, tendo Théo assumido seu posto em Haia. Possui uma cultura pictórica somada à literária, lê em três línguas, as obras clássicas as lê na língua original. Escreve muito sobre o que vê, especificando tudo para Théo. Sua avidez é sem limites: visita museus e exposições, deslocando-se por várias cidades. Escreve a Théo:

Ache as coisas belas tantas vezes quanto puder [...] escrevo abaixo alguns nomes de pintores que particularmente amo [...] mas eu poderia continuar citando não sei por quanto tempo; depois haveria ainda os antigos (Haziot, 2010, p. 30).

A amizade e admiração profunda entre os irmãos se consolida através da correspondência, que tem início na visita de Théo ao irmão em Londres em 1872. Vincent tem, então, dezenove e Théo, quinze anos, recém tendo saído de casa. Certa vez, chegam a fazer um juramento de nunca se abandonarem, de se escreverem sempre. Esta correspondência perdura até o final da vida de Vincent, visto e sentido por Théo como um irmão ídolo, que lhe abria caminhos, um marchand fantástico, modelo para a sua recente carreira. Em carta relata-lhe detalhes de seus passeios, suas descobertas através de leituras, pinturas e visitas a museus e cidades.

A vida muda drasticamente para Vincent depois que ele é transferido para a filial da Casa Goupil em Londres, circunstância em que tem a sua primeira grande paixão e decepção amorosa. Fica fascinado por Londres e aluga um quarto



na casa de uma viúva de um pastor francês que vive com sua filha única – Eugénie. Vincent se apaixona loucamente, como se apaixonara pelos campos do Brabant, pela pintura, sem limites e sem a menor dúvida. Suas cartas revelam uma felicidade radiante, transmitindo uma sensação de estar vivendo a vida plenamente. Vive platonicamente esse amor que, na sua sensibilidade de solitário, ganha uma dimensão desmedida. Lê nessa época o livro de Michelet – *L'Amour* – que se torna sua Bíblia, tendo-o enviado a Théo nesta ocasião. Animado, declara-se e pede bruscamente Eugénie em casamento. A resposta é um não, pois Eugénie estava noiva.

Vincent entra numa profunda depressão que leva anos para superar, mas, ao mesmo tempo, o ajuda a aprofundar o conhecimento de si mesmo. Perde o gosto de trabalhar na Goupil. É transferido para a filial de Paris e se sente deslocado. Abandona a profissão de marchand, na qual tanto brilhara. Neste período escreve a Théo: “Escreva-me seguidamente, pois neste momento tenho muita necessidade de tuas cartas” (Haziot, 2010, p. 40). E aos pais diz: “Sinto tanta falta de ver todo mundo e de ver a Holanda” (*Ibid.* p. 40). Retornando à casa paterna, esses ficam atônitos com a metamorfose do filho. Mudara seu caráter, estava magro, silencioso, taciturno, completamente diferente. E começa a desenhar muito. A mãe escreve:

Vincent fez lindos desenhos: ele desenhou a janela do quarto e a porta da frente, depois todas as partes da casa e também um grande esboço das casas de Londres para as quais dava sua janela. Esse é um talento que me enche de alegria porque pode ser de grande utilidade para ele (Bonger, 2008, p. 44).

Volta para Londres com sua irmã, que ia em busca de emprego. Sem qualquer tipo de vida familiar, vai ficando silencioso e deprimido, somente lê a Bíblia e se torna cada vez mais religioso. Os pais e tio Cent ficam muito preocupados com a solidão de Vincent. Todos pensam em ajudá-lo a voltar à vida. Não estava bem, desejava sentir-se útil, mas não sabia como, sabia apenas que não queria vender quadros.

Aos vinte e três anos segue buscando algo que tenha um significado para ele, um trabalho útil. Théo lhe sugere que se torne pintor, mas ele nem sequer pensa na ideia, quer se tornar um pregador, seguir os passos do pai. Continua sua luta pela vida afora em busca de si mesmo, até nascer como pintor. Théo o acompanha nessa caminhada de muito sofrimento e angústia. Seguem compartilhando suas experiências num enriquecimento mútuo. Théo não deixa de acreditar no talento do irmão.



Vincent viaja para o interior da Inglaterra, para ser auxiliar de pregador numa escola. Em sintonia com a verdadeira vocação do filho, que, até então, ele próprio desconhecia, sua mãe escreve: “Eu gostaria que ele pudesse encontrar algum trabalho mais relacionado com a arte ou com a natureza” (Bonger, 2008, p. 47).

Insistindo em ser pregador e apoiado pelo pai, embora desconfie da sua capacidade para perseverar nos estudos e render-se à disciplina acadêmica, vai aos vinte e quatro anos para Amsterdam iniciar um curso de teologia. Em menos de quinze meses, período denominado por Vincent de “a pior fase da minha vida” (*Ibid.*, p. 49), é aconselhado pelo professor a abandonar seus estudos teológicos. O pai o visita, e Vincent relata o desespero que sentiu na despedida:

Quando voltei ao meu quarto, depois de ter conduzido papai à estação, acompanhando com os olhos o trem e mesmo a fumaça até o mais longe que pude ver, e olhei a cadeira onde papai havia sentado, perto da minha mesa onde os livros e papéis da véspera ainda estavam dispostos e mesmo sabendo que em breve voltaremos a nos ver, me senti infeliz como uma criança (Haziot, 2010, p. 67).

Determinado, perseverante – quer pregar o Evangelho na Bélgica – permanece em Bruxelas de agosto a novembro de 1878 e é aceito como aluno na Escola de Evangelização. Os pais novamente veem esta nova experiência com ansiedade. A mãe escreve: “Tenho sempre tanto medo de que, onde quer que Vincent se encontre, ou seja lá o que for que ele possa estar fazendo, ele estragará tudo com sua excentricidade e suas ideias e pontos de vista sobre a vida, que são tão estranhos” (Bonger, 2008, p. 50). E o pai acrescenta:

Uma coisa que nos entristece muito é perceber que ele literalmente não conhece as alegrias da vida, sempre caminha com a cabeça baixa, mesmo que nós tenhamos feito tudo que estava a nosso alcance para que ele obtivesse uma situação honrada! Até parece que ele, deliberadamente, escolhe sempre o caminho mais difícil (*Ibid.*, p. 50).

A excentricidade de suas roupas e seu comportamento chamam a atenção. Não tem habilidade para pregar de improviso e é obrigado a ler sermões escritos. Vincent não se submete às regras acadêmicas e, após três meses de estudos, não é nomeado para nenhuma missão.

O pai recebe uma carta informando que o filho estava magro, fraco, quase



não dormia e parecia em um estado de grande excitação nervosa. Por isso, viaja novamente para Bruxelas e ajunta tudo para Vincent, sozinho, ir a Borinage, região de mineiros, em novembro de 1878. Em seguida, Vincent recebe um cargo temporário de seis meses na região de Wasmes para dirigir ensinos bíblicos, ensinar crianças e visitar os doentes e feridos. Os cuidados realizados despertam nele velhos exageros e, na tentativa de praticar a doutrina de Jesus, começa a dar tudo o que tem, dinheiro, roupas e até a cama. Sai da pensão e vai morar numa choupana miserável. O reverendo Rochelieu, encarregado de inspecionar as nomeações temporárias, considera o trabalho e o comportamento de Vincent inadequados, pois “um homem que não se preocupa consigo mesmo não serve como exemplo para os demais” (Bonger, 2008, p. 52). Fica decidido que, se ele não mudasse, seria dispensado do cargo e, no final dos seis meses, realmente acaba demitido.

Segue a pé até Bruxelas em outubro de 1879 para aconselhar-se com o reverendo Pietersen. Chega suado, estafado e exaltado. A aparência é tão descuidada que a filha do proprietário da casa, que abriu a porta, assusta-se e se esconde. Mas é bem recebido, almoça, vê quadros e o reverendo escreve aos pais: “Vincent me dá a impressão de um ser iluminado por sua própria luz” (*Ibid.*, p. 53). A mãe responde: “Que felicidade que ele sempre encontra alguém para ajudá-lo, como o reverendo Pietersen está fazendo agora!” (*Ibid.*, p. 53). Vincent visita os pais e a mãe observa: “Ele está com bom aspecto, exceto pelas roupas. Ficou lendo Dickens o dia todo e só fala quando lhe perguntam alguma coisa; quanto ao seu futuro, nem uma palavra” (*Ibid.*, p. 54).

Aos poucos os textos bíblicos e as reflexões religiosas vão se tornando raros em suas cartas, até desaparecerem. Desenha e lê muito. Théo visita-o sugerindo planos mais definitivos para o futuro, porém ele não está preparado. Vagueia sem trabalho, sem amigos e frequentemente sem pão; embora receba dinheiro de casa e de Théo, é um péssimo administrador. Resolve, então, voltar a Borinage e lá permanece até agosto de 1880. Vive na casa de um mineiro e relata: “No que é que eu poderia ser útil, para o que eu poderia servir; existe algo dentro de mim, o que será então?” (Van Gogh, 2010, p. 47). O quarto na casa do mineiro é seu primeiro estúdio, é neste pequeno espaço que inicia sua carreira de pintor, desenhando os mineiros que seguiam para o trabalho cedo pela manhã.

Diante da grande miséria, da desumanização completa, morre sua suposta vocação religiosa e Vincent se lança na criação artística. Borinage é um renascimento. Aos vinte e sete anos Vincent é ele mesmo, pela primeira vez afirma seus desejos, seus prazeres, suas indignações. Em uma carta a Théo, lê-se:



Foi nesta grande miséria que eu senti renascerem as minhas energias e que disse a mim mesmo: seja como for, eu vou me reerguer de novo, retomarei o lápis que abandonei no meu desalento, e recomeçarei a desenhar, e desde então parece que tudo mudou para mim, e agora eu estou a caminho e meu lápis se tornou um pouco mais dócil, e parece querer ficar cada vez mais dia a dia (Van Gogh, 2010, p. 52).

É um desenhista testemunha, desenha em qualquer papel, em qualquer lugar, com o que tem na mão. Vai a Bruxelas em outubro de 1880 e se instala num hotel, buscando conhecer outros artistas. Com ajuda de Théo faz amizade com um jovem pintor holandês, Van Rappard, que dura cinco anos, até que, em função de um mal entendido, brigam. Não entra em contato com outros pintores na época de Bruxelas porque não quer a carreira acadêmica – quer trilhar seu próprio caminho. Estuda anatomia sozinho e desenha modelos vivos.

Volta à casa dos pais, em Etten, em abril de 1881, tendo lá permanecido por mais oito meses, período em que se sente feliz. Vai a Haia para se aconselhar com Mauve sobre seu trabalho e retorna a Etten entusiasmado. Encontra a segunda mulher que influencia sua vida – uma prima – jovem viúva com uma filha de quatro anos. Tenta tudo para aproximar-se dela, no entanto, mais uma vez, recebe um não. Acusa as famílias de se oporem ao enlace, não tolerando o seu fracasso. Fica irritadiço, nervoso e o relacionamento com os pais torna-se mais difícil. Após uma violenta discussão com o pai, retorna subitamente para Haia e lá permanece de dezembro de 1881 a setembro de 1883.

Aí preocupa-se muito com o traço de seus desenhos e vai em busca de um material que permita expressar a brutalidade, a amplitude e o vigor de suas figuras. Conta ao amigo Van Rappard – março, 1883 – que os lápis Faber e Conté são muito refinados, impedindo-o de atingir esse resultado. Pesquisa e encontra no grafite natural e na greda da montanha materiais que oportunizem uma expressão mais autêntica, simples e forte no desenho. Solicita ao irmão que lhe envie esse material e Théo o atende.

Elabora nessa cidade sua técnica de pintura, o que resulta numa estética avançada para seu tempo. Vincent pinta *sem sistema de pinceladas*. “Bato na tela com golpes irregulares, que deixo tais quais foram lançados. Empastamentos, lugares da tela não cobertos aqui e ali, cantos deixados totalmente inacabados, retomadas brutalidades” (Haziot, 2010, p. 116). Libera o gesto, volta ao traço bruto: “Procuro, porém, não pôr detalhes demais, pois detalhes demais apagam o devaneio. Se Tersteeg e meu irmão me perguntarem: ‘O que é isso, erva ou couve?’, respondo: ‘Fico satisfeito que não sejam capazes de discernir’” (*Ibid.*, p. 118). Os



objetivos de sua pintura já se tornam claros: “Fazer sonhar o olhar através do inacabado, da sugestão, do traço livre, das descontinuidades, dos vazios onde o olhar se aprofunda para sonhar” (*Ibid.*, p. 119).

É um período bom de trabalho, mas pessoalmente, sente-se completamente só. Não sabe viver sozinho, necessita muito de uma presença física e afetiva. Conhece uma mulher pobre, abandonada, suja, malvestida, prestes a dar à luz e a toma sob sua proteção. Deseja ardentemente formar uma família. Enfrenta seus pais, Théo e pessoas da cidade que ficam perplexas ao vê-lo com Sien e seu filho. Pressionado, abandona tudo, mas esta separação é cruel e o reencontro com a solidão, terrível. Ele se refugia por três meses em Drenthe, uma das regiões mais atrasadas e isoladas do país. Sozinho, não se recompõe e acaba abandonando o lugar, suas bagagens e grande quantidade de estudos e desenhos.

Volta à casa dos pais, único lugar em que pode encontrar um porto seguro. Agrada-lhe tanto morar em Nuenen, aldeia em que o pai passara a ser pároco, que lá fica por dois anos, de dezembro de 1883 a novembro de 1885. Quer pintar paisagens. Recebem-no com carinho, mudam a casa, transformam peças, constroem um estúdio para ele, aceitam seu jeito excêntrico, deixam-no à vontade mesmo no vestir.

Viver com os pais é difícil. Há um exercício de amor e paciência de ambas as partes para seguirem convivendo. Vincent, rompendo com todas as formalidades e convenções, segue excêntrico em seu temperamento. O pai escreve a Théo:

Tenho a impressão de que Vincent está de novo passando por uma crise. Ele parece estar com a mente cheia de melancolia. Mas como poderia ser de outro modo? Deve ser muito doloroso para ele lembrar seu passado e como acabaram seus relacionamentos anteriores. Se ao menos ele tivesse coragem suficiente para pensar na possibilidade de que a causa de seus problemas esteja dentro de si mesmo [...] (Bonger, 2008, p. 65).

Nesta época, muito queixoso, suas cartas a Théo são lúgubres, com reclamações injustas: “Você não pode me dar uma esposa, você não pode me dar um filho, você não pode me dar um emprego. Dinheiro, sim. Mas de que me adianta, se eu tenho de passar sem o resto?” (Bonger, 2008, p. 67). Théo parece compreendê-lo e geralmente não revida.

Vincent encanta-se por outra moça, mas fracassa novamente. A família dela não consente na relação. Seguem os problemas e ele, muito amargurado. Prossegue seu trabalho nas cabanas miseráveis dos tecelões e camponeses, com os quais se encontra tão intimamente envolvido que não concebe outra ideia a



não ser retratá-los. “Vejo-me frequentemente melhor entre as pessoas que ignoram até mesmo o significado da palavra isolamento, por exemplo, os camponeses e os tecelões, do que no mundo civilizado” (Van Gogh, 2010, p. 115). “Temos que pintar os camponeses como se fôssemos um deles, sentindo, pensando como eles mesmos” (*Ibid.*, p. 138). “Se uma pintura de camponeses cheira a toucinho, a comida, a batatas, perfeito!” (*Ibid.*, p. 139). “Quando esta tarde cheguei à choupana, encontrei as pessoas comendo à luz da janelinha em vez de estarem à mesa sob a luz do candeeiro. Era espantosamente belo” (*Ibid.*, p. 139). Esta cena é retratada em *Os comedores de batatas*, enviada a Théo. Segue-se uma série ininterrupta de cabanas de velhos camponeses, suas esposas com jeito de bruxas, a velha torre da igreja.¹



Théo, em uma carta diz o que pensa de seu irmão nessa época:

Vincent é uma dessas pessoas que passaram por todas as experiências possíveis através da vida e acabam se retirando do mundo; agora, temos de esperar para ver se ele realmente é um gênio [...]. Eu acho que ele é [...]. Se obtiver sucesso em seu trabalho, ele se tornará um grande homem (Bonger, 2008, p. 74).

¹ Todos os direitos às imagens de Van Gogh pertencem ao Museu Van Gogh de Amsterdã. Obtivemos permissão do Museu para o uso de todas as imagens que constam no presente artigo.



O pai não sabe como lidar com ele – sente-se impotente diante da violência incontrolável do filho. Ocorre um divórcio entre ambos, e Vincent escreve que ele nunca refletiu sobre o que é a relação entre pai e filho. Se a relação com a mãe é de encontro, com o pai é permeada por grandes dificuldades. O pai, idolatrado, é depois rejeitado com aspereza. Morre em março de 1885, mas sua sombra continua sempre presente. Em outubro do mesmo ano, Vincent parece reencontrar a confiança em si mesmo e pinta muito rápido *Natureza-morta com a Bíblia aberta*. É um quadro fascinante, último diálogo entre pai e filho, mas que permanecerá vivo para sempre através da arte. Segundo Haziot (2010), a estridente nota amarelo-limão deste quadro assinala um começo, seu estilo se liberta, sua paleta degela. É a obra fundadora de Van Gogh: “A fé no cristianismo do pai tinha-se transformado numa religião da arte” (Gayford, 2007, p. 170).



Após a morte do pai, a mãe sai de Nuenen, encaixota os quadros e desenhos de Vincent, deixando-os aos cuidados de um carpinteiro que os vende a um negociante de ferro-velho. Tudo desapareceu.

Vincent vai para Antuérpia de novembro de 1885 a fevereiro de 1886, com trinta e dois anos, e trabalha intensamente, atingindo seu limite físico e emocional: quase não come para pagar os modelos. Parece ter sido essa sua maior crise. Sofre um desmantelamento. Perde dentes, vomita e contrai sífilis. Paga modelos,



prostitutas e vê que não conseguiria manter-se desta forma por muito mais tempo. Passa a frequentar uma Academia, onde consegue modelos de graça, tem aulas de desenho e pinta, nos botequins, esboços de clientes. Atinge uma miséria física nunca antes imaginada. Vai se exaurindo, desgastando, com desentendimentos frequentes com os mestres da Academia. Mesmo nessas condições, mantém suas ideias, sua liberdade, não se submetendo às regras acadêmicas. Mas toma consciência de que seu corpo tem limites e que, ao destruí-lo, destrói-se como pintor. Inquieta-se e tem que partir. Porém, havia mudanças. Com a morte do pai e a saída da mãe de Nuenen, a família que o acolhia não existia mais; ele perde o lugar para onde sempre retornara – a casa paterna.

Vincent está muito mal e Théo quer que ele retorne para o Brabant, mas ele prefere ir a Paris e lá permanece de março de 1886 a fevereiro de 1888. Na Antuérpia, deixa todo o seu trabalho, que nunca foi recuperado. Vai morar com Théo em Montmartre e ali tem seu estúdio. Pinta tudo à volta com cores leves, flores, natureza-morta, influenciado por Monet, Sisley, Pizarro, que estavam na Galeria Goupil.

Este é um período de enriquecimento mútuo para os irmãos. Estimulado pela convivência com Théo, Vincent atinge um momento produtivo, de maior integração, em que emerge da solidão e circula pelo mundo da arte de Paris, convivendo com artistas e introduzindo Théo na rede das vanguardas da época. Desejando reunir diferentes obras e lançar jovens pintores, propõe a Théo a criação de uma galeria de arte. A dificuldade financeira e a negação de apoio pelos tios fazem com que este sonho não se realize.

Nesse mesmo período pinta em torno de vinte e seis autorretratos que curiosamente surgem em um momento de proximidade com Théo, quando não trocam correspondências. Pensamos que a presença de Théo possibilitou a Vincent juntar-se, integrar-se e ser reconhecido. Faz seu último autorretrato em que aparece pintando em frente ao cavalete, em amarelo, no qual ele se afirma como pintor seguro de seus recursos. Pensamos o quanto a significativa produção de autorretratos neste período revela, a um tempo, a sua busca por integrar-se/juntar-se e, por outro, a necessidade de ser reconhecido/olhado para afirmar o seu eu. É nessa época que pinta também os famosos sapatos, representando ele próprio – andarilho solitário – assim como a dupla marchand-artista, que se consolida neste período e segue até a morte de ambos.



Em carta à mãe, Théo demonstra toda a sua vibração com a melhora do irmão durante o período sob seus cuidados em Paris – fez amigos, progrediu no seu trabalho: “Se pudermos continuar a viver juntos dessa maneira, e acho que a sua fase mais difícil já ficou para trás, ele finalmente encontrará seu caminho” (Bonger, 2008, p. 77).

Vincent encerra suas explorações em Paris e, em fevereiro de 1888, com trinta e quatro anos, vai ao sul permanecendo até maio de 1889. Decepciona-se com a convivência com alguns artistas, mas não desiste do seu sonho de associar-se a eles. Perseverante, sai em busca da cor da sua infância ensolarada no Brabant. Muda-se para Arles, em Marselha. Diz Théo: “Ainda me parece estranho que ele tenha ido embora. Ultimamente, ele tem significado muito para mim” (Bonger, 2008, p. 82). Vincent trabalha no último dia em Paris, limpando e arrumando o estúdio – “para que meu irmão pense que ainda estou aqui” (*Ibid.*). Ao chegar a Arles, Vincent escreve a Théo: “Durante a viagem pensei em você tanto quanto na nova região que eu avistava” (Van Gogh, 2010, p. 185). A partir de então, suas cartas escritas em francês passam a refletir seu interior – escreve muito, detalhando sua alegria e felicidade.

Em Arles, Vincent realiza o seu sonho de construir uma casa, sua primeira e única, a Casa Amarela. Ele decide que esta seria uma casa recheada de arte. Os quadros que decoram as paredes são obras suas, de múltiplos significados e emoções, principalmente pelo contraste de cores e temas. Os dois quadros de girassóis, pintados antes da chegada de Gauguin, “crepitavam de eletricidade como nenhuma pintura floral alguma vez tinha conseguido” (Gayford, 2007, p. 8).



Com esta construção, Vincent sonha pela primeira vez com uma casa que lhe possibilite uma permanência mais duradoura, dando indícios de que tem a esperança de manter a maior integração alcançada em Paris. “Vivendo em hotel não se progride, e agora, ao fim de um ano, terei móveis, etc, que me pertencerão [...] a coisa é completamente diferente quando se trata de uma longa permanência” (Van Gogh, 2010, p. 203). Ele conquista a capacidade de estar só, o que não conseguira até então. Num depoimento temos a reflexão de Vincent sobre este sentimento: “Mas justamente o que faz com que as pessoas fiquem em casa é o sentimento do lar, o aspecto tranquilizador e familiar das coisas. É claro que gostaria de ter companhia, mas, se não tiver, não será por isso que ficarei infeliz” (Van Gogh, 2010, p. 269). A Casa Amarela, cuidadosamente decorada por Vincent, revela o retorno ao lar:

A minha casa aqui é pintada por fora de amarelo-manteiga e tem persianas em verde-forte; fica, rodeada de sol, numa praça, onde também há um parque verde com plátanos, aloendros, acácias. Por dentro é pintada de branco e o chão é de azulejos vermelhos. E, por cima, o céu de azul luminoso. Lá dentro posso, com efeito, viver e respirar, pensar e pintar (Guimarães, 2007, não paginado).



Nesse período de maior integração e criatividade, deseja compartilhar a sua arte com outro artista. Seu irmão, que apoia a pintura experimental, ajuda a organizar a ida de Gauguin para a Casa Amarela. Em uma carta, Théo expressa o seu estímulo e esperança:

Pois então Gauguin vai ficar com você; olhe, isso vai significar uma grande mudança na sua vida. Espero que você tenha sucesso em seu projeto de transformar a casa em um refúgio em que os artistas possam sentir-se como se estivessem em suas próprias casas (Bonger, 2008, p. 118).

Colaboração, segundo elucidou em carta a Bernard, não queria necessariamente dizer vários pintores a trabalharem no mesmo quadro, mas sim uma conjugação de ideias e técnicas pela qual a comunidade de artistas criaria “quadros diferentes uns dos outros, mas que convergem e complementam uns aos outros.” (Gayford, 2007, p. 81).

É em Arles que o impulso criativo de Van Gogh atinge o seu ápice e ele se torna, como define ele próprio, “uma locomotiva de pintar [...]. Trabalho mesmo em pleno meio-dia, em pleno sol, sem sombra alguma, nos campos de trigo, e me alegre como uma cigarra” (Van Gogh, 2010, p. 210). “Atualmente estou com a lucidez ou a cegueira de um apaixonado pelo trabalho [...]. Pois esse ambiente de cores é totalmente novo para mim e me exalta extraordinariamente” (*Ibid.*, p. 268).



“Em certos momentos, quando a natureza fica tão bela quanto nesses dias, tenho uma lucidez terrível, e então não me reconheço mais e o quadro me vem como em sonho” (*Ibid.*, p. 274). “É só assim que eu sinto a vida, quando trabalho arduamente” (*Ibid.*, p. 224). “Estou num furor de trabalho, já que as árvores estão em flor e que eu gostaria de fazer um pomar da Provence de uma alegria monstruosa” (*Ibid.*, p. 198). “Também me falta uma noite estrelada com ciprestes ou talvez sobre um campo de trigo maduro; aqui há noites muito bonitas. Estou numa contínua febre de trabalho” (*Ibid.*, p. 194).

Pinta a vista de Arles com um mar amarelo, uma barra de lírios violetas e, ao fundo, a cidadezinha de belas mulheres. É a cor do amor, segundo Vincent. Começará tão ardente como ouro em fusão. O amarelo se inflama no período arlesiano. Vêm da juventude – carruagem amarela dos pais, gosto intenso pelo fim do dia e pôr do sol – os dourados, os amarelos, os alaranjados difundidos. A atração por esta cor atravessa toda a sua vida. As evocações da cor, no verão de 1888, produzem uma série de obras-primas com tonalidades amarelas: “A cor em Vincent traduz tanto o que ele sente quanto o que ele vê, dois movimentos em perfeito equilíbrio neste verão de 1888 que foi o zênite de sua vida” (Haziot, 2010, p. 211). A cidade de Arles, retratada nesta explosão de cores e denominada por ele de *Vinha Vermelha*, é o único quadro que Vincent vende em vida.



Vincent se entrega totalmente a esses amarelos, ouros e azuis para servi-los, para mostrar sua vibração estática. “Agora temos aqui um glorioso calor forte



e sem vento, que faz bem o meu gênero. Um sol, uma luz, que, na falta de algo melhor, só posso chamar de amarelo, amarelo-enzofre pálido, limão pálido ouro. Como é belo o amarelo!” (Haziot, 2010, p. 210).

Um pintor do futuro para Vincent seria aquele capaz de fazer com a cor o que Wagner tinha feito com o som: “Misturá-la em novas e belas combinações que apaziguariam o espírito e falariam à alma” (Gayford, 2007, p. 180). A metáfora da germinação traduz as muitas transformações que Vincent experimentara, de comerciante de arte em pregador, até descobrir-se pintor. Escreve para a irmã Will: “Em cada ser humano que é saudável e natural há uma força que germina, tal como um grão de trigo. E por isso a vida natural é germinação” (*Ibid.*, p. 182).

Pinta o *Semeador*, imagem que o acompanha desde que se tornara artista. Faz brotar através do seu trabalho a beleza das cores e uma estética avançada em relação a seu tempo. Arles, a terra escolhida por Van Gogh, era uma cidade decadente, que outrora tinha sido grande, mas que como ele, lutava por ter um papel a desempenhar no mundo.

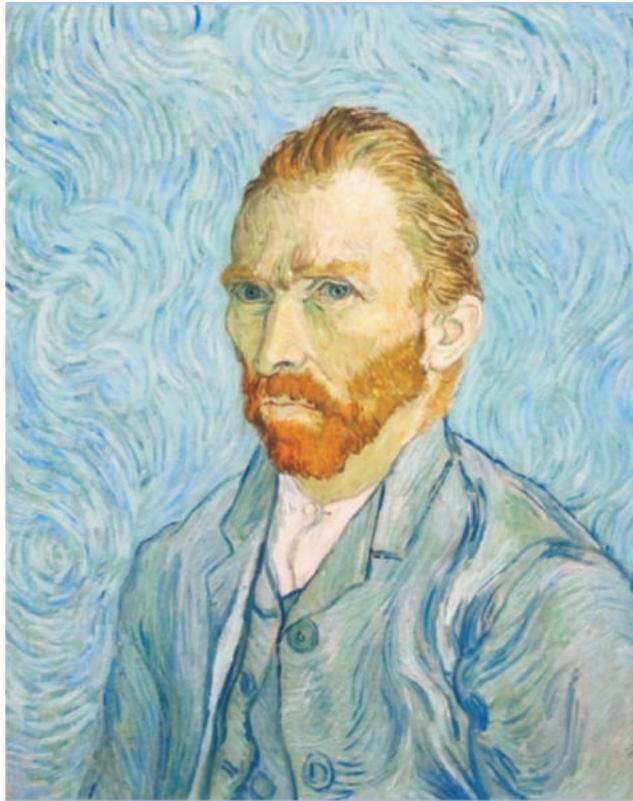


No autorretrato pintado em Arles, em 1888, utiliza-se da cor para declarar sua serenidade, confiança e coragem:

Eu gostaria de fazer o retrato de um amigo artista, que tem grandes sonhos, que trabalha assim, como rouxinol canta, porque esta é a sua natureza. Este homem será loiro. Eu queria colocar no quadro meu apreço, o amor que



tenho por ele. Vou exagerar no loiro de sua cabeleira, chegarei aos tons alaranjados, aos cromos, ao limão pálido. Atrás da cabeça, em vez de uma parede banal do mesquinho apartamento, pinto o infinito, faço um fundo simples com o azul mais rico, mais intenso que eu possa criar, e por esta simples combinação da cabeça loira clareada sobre este fundo azul, obtenho um efeito misterioso como a estrela no anil profundo (Van Gogh, 2010, p. 249).



Vincent renasce na Provence ensolarada e nos traz um depoimento vivo de como é renascer, sentir-se vivo e real, criativo. “Há momentos em que sinto meu sangue voltando a querer circular em minhas veias” (Van Gogh, 2010, p. 186). “À medida que o sangue me volta, a ideia de triunfar também me volta” (p. 206). Durante o período – um ano e três meses – que passa em Arles, produz perto de duzentos quadros, sendo muitos deles obras-primas. Dedicado à leitura, acredita que o dever do artista é olhar o mundo a sua volta e refletir sobre ele. Adquire o



hábito de ler durante algumas horas todas as noites – jornais, revistas e romances. “Impelido por uma certa voracidade mental, até os jornais leio furiosamente” (Gayford, 2007, p. 85). A leitura de alguns livros o impressiona tanto que os vê “em termos de contrastes de cores, entre os azuis soturnos e o halo radioso do sol” (*Ibid.*, p. 84).

Vincent, entusiasmado e muito depressa, pinta a partir do que vê diante de si: “Ao ar livre, exposto ao vento, ao sol, à curiosidade das pessoas, trabalhamos o melhor que podemos, enchemos nossa tela indiferentes ao que nos rodeia. Mas é assim que captamos o verdadeiro e o essencial – a parte mais difícil” (Gayford, 2007, p. 75). Quando exaltado, revela a capacidade de “reunir em seu espírito todo o tipo de associações díspares, relacionando pessoas reais com livros e imagens” (*Ibid.*, p. 88). Assim, impactado pela descrição de Gauguin, desenha de memória, vários meses depois, o quadro por ele descrito.

Pintar de memória e imaginação é perigoso, poderia ser assaltado por pensamentos e ideias lúgubres. Pela fragilidade de seu estado, estas recordações relacionadas ao seu passado poderiam desorganizá-lo. Porém, na companhia de Gauguin, sente-se destemido e escreve a Théo:

Vou dedicar-me a pintar mais vezes de memória, e as telas pintadas de memória são sempre menos desajeitadas e têm um aspecto mais artístico do que os estudos à vista [...]. Temos tido aqui vento e chuva, e ainda bem que eu não estou sozinho. Nos dias maus trabalho de memória, coisa que não podia fazer se estivesse sozinho (Gayford, 2007, p. 123).

Dentro de sua trajetória marcada por descontinuidades, é também em Arles que Van Gogh experimenta uma outra grande ruptura da qual ele nunca mais se recupera. Convive com Gauguin por poucos meses, sendo que a relação dos dois é marcada por desencontros.

De certo modo, Gauguin entendeu-o mal. Vincent não era um inspirado artista louco; era um grande pintor que tentava desesperadamente manter-se mentalmente são. Via o mundo com uma intensidade rara, que dava às suas obras um grande poder. E era enquanto olhava e pintava que conhecia o maior prazer de que a sua natureza atormentada era capaz (Gayford, 2007, p. 302).

Na véspera de Natal, quando noiva com Jo, Théo recebe uma carta dizendo que Van Gogh tinha, depois da briga com Gauguin, cortado a orelha e a levava de



presente a uma mulher que trabalhava num bordel. Vai sangrando para o hospital e lá Théo o encontra, passando todo o período de festas com ele. Descreve a situação do irmão como terrível, em uma carta à noiva:

Se ele tivesse encontrado alguém com quem pudesse abrir o coração, talvez nunca tivesse chegado a esse ponto [...]. Ainda há esperança, mas durante sua vida ele já realizou muito mais que a maioria, ao mesmo tempo que sofreu e lutou muito mais que grande parte das pessoas seria capaz. Se ele tiver de morrer, então que seja, mas fico de coração partido, cada vez que penso nessa possibilidade (Bonger, 2008, p. 87).

No dia 21 de abril de 1890, Vincent decide ser internado. Se, na Antuérpia, a experiência é marcada pelo declínio, pela desintegração, em Arles Vincent atinge o ápice, desenvolve ao máximo seu potencial verdadeiro nessa direção: perde tudo o que conquistara – a casa, as relações, a integração. Desta vez, retornar para a casa dos pais não é mais possível, morar com Théo muito menos. Sente-se incapaz de reinstalar-se na sua casa-ateliê e ficar sozinho. A Casa Amarela, recheada de arte e antes habitada por Vincent, desmorona, se esvazia de significado tal qual o próprio pintor. Seus sentimentos são de angústia, vazio, neste momento não há esperança. Sua pintura, assim como ele, não vale nada. Vai, então, para o sanatório Saint Rémy e se preocupa com dinheiro. Mas Théo o tranquiliza dizendo-lhe que dinheiro não seria nada perto do que ele lhe retribuía em trabalho e fraternidade.

Vincent, muito deprimido, quer sair do hospital. Manda caixas de quadros ao irmão: “Enviarei nos próximos dias duas caixas de quadros, alguns dos quais não tenha receio de destruir”. Após tê-los enviado, escreve: “Há um monte de lixo dentro, que deverá ser destruído, mas os enviei mesmo para que você possa conservar o que julga ser passível” (Haziot, 2010, p. 272). É claro que a história da arte deve muito a Théo não ter levado em conta tais instruções, preservando a obra e a imagem de um gênio. Em Saint-Rémy Vincent ressurgiu, mais uma vez sua sensibilidade capta a energia, a beleza indescritível das oliveiras, reaparece a esperança e ele escreve a Théo:

Ah, meu caro Théo, se você visse as oliveiras nessa época! [...]. A folhagem prata velha e prata verdejante contra o azul. E o solo lavrado alaranjado [...]. É de uma delicadeza, de uma distinção! [...]. O murmúrio de um jardim de oliveiras tem algo de muito íntimo, de imensamente velho. É lindo demais para que eu ouse pintá-lo ou possa concebê-lo (Haziot, 2010, p. 273).



Mesmo assim, ele pinta neste período um total de cento e quarenta telas. Deixa o sanatório de Saint- Remy em maio para viver em uma hospedaria em Auvers-sur-Oise, cuidadosamente escolhida por Théo e aos cuidados do Dr. Gachet. Visita Théo em Paris, lá permanecendo por três dias e parte novamente para Auvers. Segue pintando até a morte em 27 de julho de 1890, aos trinta e sete anos. Em seu último impulso de produtividade pinta em dois meses sessenta e seis quadros. Passa as últimas horas nos braços de Théo, morre junto dele.² No bolso de suas vestes encontra-se uma carta endereçada ao irmão. Théo, dirigindo-se à mãe, escreve:

Não se pode descrever até que ponto se está triste nem encontrar o menor conforto. É uma tristeza que vai perdurar e que, certamente, não conseguirei esquecer enquanto viver. A única coisa que posso dizer é que ele recebeu agora o descanso por que tanto ansiava [...]. A vida foi sempre um fardo pesado demais para ele; mas agora, como acontece com tanta frequência, todo mundo está louvando o seu talento [...]. Oh, mãe, ele era tão meu, meu próprio irmão! (Bonger, 2008, p. 101).

Após a morte de Vincent, Théo toma várias iniciativas para preservar a obra do irmão. Solicita da família a renúncia por escrito de todos os direitos sobre a obra. Como todos acreditavam serem sem valor, consentiram na hora. Procura Durand-Ruel para expô-la, seu pedido é negado. Deseja escrever uma biografia de Vincent e recorre ao escritor Albert Aurier para fazê-lo. Em mais uma carta à mãe, dois meses após a morte de Vincent, Théo escreve: “Seria realmente um livro notável se fosse possível ver em quantas coisas ele (Vincent) pensou, e como ele sempre permaneceu fiel a si mesmo” (Bonger, 2008, p. 29).

Seis meses depois da morte de Vincent, morre também Théo, em 21 de janeiro de 1891, aos trinta e quatro anos, deixando a esposa e um filho de menos de um ano de idade com o mesmo nome do irmão: Vincent Willem Van Gogh. Johanna, viúva, retorna a Paris, com um filho nos braços, uma vida destruída, centenas de telas de Vincent, vários desenhos e toda a correspondência dos irmãos. Aconselhada por seu irmão a se desfazer desta obra sem valor, recusa-se a escutá-lo, reunindo as cartas na tentativa de reencontrar Théo, o homem que amara apaixonadamente. A leitura das cartas fez com que reencontrasse Vincent,

² Uma biografia recente escrita por Steven Naifeh e Gregory White Smith (2012), que passaram 10 anos estudando a vida de Van Gogh, apresenta vários indícios que corroboram a teoria de morte acidental e não suicídio do pintor, morto por engano por dois adolescentes que brincavam com uma arma. Cabe lembrar que há registro de que, em função de sua aparência, ele já fora agredido anteriormente por adolescentes na rua.



escrevesse sua biografia e desse um sentido à vida e obra deste grande pintor. A seguir realiza exposições, vende alguns quadros para fazê-los conhecidos, traduz e edita a correspondência e a biografia de Vincent. Johanna espera mais de vinte e quatro anos desde a morte de Théó para publicar o livro. É comovente o cuidado que se revela nas suas palavras: “Teria sido uma injustiça feita a Vincent criar interesse em sua personalidade antes que o trabalho a que dedicou sua vida fosse reconhecido e apreciado como o merecia” (Bonger, 2008, p. 29).

O tempo nessa história parece muito tal a sua intensidade, mas é pouco. Ambos morreram cedo. A dedicação de Johanna a Vincent, tudo que ela faz para que sua obra seja reconhecida torna-se ainda mais impressionante se considerarmos que seu casamento com Théó durou menos de dois anos.

A primeira decisão de Johanna é fazer o filho, o quinto Vincent Willem Van Gogh, herdeiro da obra do tio. Assim como seus pais, Vincent continua cuidando, negando-se a vendê-la e conquistando, com ajuda do governo holandês, a construção do museu Van Gogh, em 1973, em Amsterdã, onde se encontram a obra e os arquivos de Van Gogh. É por meio da continuidade deste cuidado que Van Gogh segue vivo.

Considerações finais

A trajetória de Vincent nos impressiona como um caso exemplar da luta humana pela vida e da difícil caminhada na busca do si mesmo. Desde o início, a necessidade humana básica é ser e continuar a ser, vir a tornar-se uma pessoa real num mundo real. Ao longo da vida até a morte, a continuidade de ser permanecerá como a questão fundamental da saúde psíquica. Vincent, caminhante solitário, nos mostra, com muita intensidade e crueza e por meio de suas *Cartas a Théó*, a batalha do criador na arte, que é também a batalha de todos nós, criadores na vida.

A condição de desamparo, fragilidade, solidão e dependência do ser humano é exposta tanto em sua história quanto em suas cartas. “O que é que eu sou aos olhos da maioria – uma nulidade ou um homem excêntrico ou desagradável – alguém que não tem uma situação na sociedade ou que não a terá; enfim, pouco menos que nada” (Van Gogh, 2010, p. 76). “Desejo tão frequentemente a sua presença e penso tanto em você” (*Ibid.*, p. 90). “Faça todo o possível para vir rapidamente, irmão, pois não sei até quando vou conseguir aguentar. Estou muito abatido, sinto que vou sucumbir sob este peso” (*Ibid.*, p. 99). “O isolamento é uma coisa penosa, a gente se sente como numa prisão” (*Ibid.*, p. 115). “Você sabe o que faz desaparecer a prisão. É toda afeição profunda, séria. Ser amigos, ser



irmãos, amar, isto abre a porta da prisão por poder soberano, com um encanto muito poderoso. Mas aquele que não tem isso permanece na morte” (*Ibid.*, p. 48). “Eu queria poder chegar a essa segurança que nos torna felizes, alegres e vivos em todos os momentos” (*Ibid.*, p. 274).

Para Vincent, a relação com Théo, cada cidade explorada, o forte contato com a natureza, os anos de escola, o trabalho, o estudo da arte e até mesmo os momentos de desilusão integram uma soma de experiências que o levam a encontrar-se, reconquistar a esperança e nascer como pintor. A intensidade com que vive sua vida não lhe permite deixar nada pela metade. Assim, obstinado, segue buscando sua verdadeira vocação, não importando o que encontrará pelo caminho. Cada experiência será um acréscimo, mesmo que ele, tal qual a fênix, tenha que renascer das próprias cinzas, integrar-se, unindo suas forças.

Vincent tem um percurso cheio de descontinuidades e rupturas até o seu nascimento como pintor já no final da vida. É um andarilho solitário que percorre um longo caminho passando por diversos lugares como Londres, Paris, Amsterdam, Etten, Bruxelas, Borinage, Haia, Drenthe, Nuenen, Antuérpia, Arles, Saint-Remy e Auvers. Chama a atenção como, apesar de toda a tragédia que foi a sua vida, nunca desistiu: “Parece-me que sou um caminhante que está indo a algum lugar, que tem um destino” (Van Gogh, 1997, p. 238). “Continuar, continuar, isso que é necessário” (*Ibid.*, p. 40).

Para Winnicott (1990), a natureza humana é quase tudo que temos e é essencialmente uma tendência inata à integração numa unidade. Ela segue, ao longo da vida, expressando-se tanto na saúde quanto nos distúrbios psíquicos. No início o bebê não é uma unidade. Esta é a dupla mãe-bebê, sendo que o bebê sente a mãe como parte dele, como um objeto subjetivo. As tarefas e conquistas essenciais ocorrem na etapa mais primitiva de dependência absoluta e cuidados maternos. Neste período se constituem as bases da existência e da saúde psíquica:

De início, o relacionamento é com o objeto subjetivo, e é uma longa jornada daqui até o desenvolvimento e o estabelecimento da capacidade de se relacionar com um objeto que é percebido objetivamente e que tem a possibilidade de ter uma existência separada, uma existência exterior ao controle onipotente do indivíduo (Winnicott, 1979a, p. 202).

O estado de unidade é necessário para chegar ao começo, engatar na vida: “É um esforço constante chegar ao ponto inicial e aí se manter” (Winnicott, 1979b, p. 174). Alcançar a identidade unitária – *Eu Sou* – é uma conquista que marca o começo do indivíduo, talvez o principal, tornando-o capaz de relacionar-se com a



realidade externa. É uma longa jornada, não linear, que vai da dependência absoluta rumo à independência. Cabe lembrar que cada etapa sempre implica a presença de outro ser humano que a facilite.

O deslizar de uma condição de integração para a desintegração é uma marca do ser humano. Vincent busca incessantemente manter a integração e fracassa. Em períodos fugazes se descreve alcançando, vibrando muito e despencando. É nas suas caminhadas, no contato com a natureza, nas visitas a museus, nos momentos de leitura e principalmente quando pinta, que ele se sente integrado, vivo e real. A adaptação ativa do ambiente tem papel fundamental, pois quando Vincent se perde – desagregado, aniquilado – perde também sua obra e é o acolhimento da família, em especial o acolhimento contínuo do irmão que possibilita o retorno às experiências ligadas à arte, ponto de apoio que lhe permite seguir adiante na busca incessante de si mesmo.

Vincent nos faz pensar na força da herança, da natureza humana, de um lado, e do ambiente, de outro. Ele sofre muito com a sua doença – que não chega a ter um diagnóstico preciso – e não se submete aos tratamentos da época. Apesar da doença, mas também por causa dela e provavelmente em decorrência da aceitação e acolhimento do ambiente, Vincent alcança o máximo do seu potencial criativo. Winnicott (1970) destaca que sempre há uma chance de recuperação no caso de a regressão à dependência ser acolhida pelo ambiente, podendo assim o desenvolvimento ser retomado. Vemos esta situação se repetir inúmeras vezes ao longo da vida de Van Gogh. Desta forma, é possível alcançar um senso de *self* baseado na experiência de viver como uma pessoa aceita. Encontramos no seu sofrimento um tipo de angústia ilustrada por Winnicott como típica daquelas pessoas que não puderam manter a integração numa unidade: o sentimento de inutilidade. Assim Vincent escreve a Théó: “A quem poderia eu ser útil de alguma maneira?” (Van Gogh, 2010, p. 38). “Espere, talvez um dia você verá que eu também sou um trabalhador, e embora eu não saiba de antemão o que me será possível, espero ainda fazer uns rabiscos onde poderia fazer algo de humano” (*Ibid.*, p. 54).

Em sua trajetória, vemos que Vincent consegue preservar a sua criatividade e contato com o mundo subjetivo, apesar da dificuldade de contato com a realidade compartilhada. Traços importantes de sua personalidade são a intensidade, a insubmissão e a liberdade com que expressa seus sentimentos nos desenhos, na pintura, nas relações familiares e amorosas. Neste viés, cabe observar que suas investidas amorosas tem como desenlace repetidos fracassos e decepções, tal a sua intensidade e falta de apoio na realidade compartilhada. Pensamos que estes episódios deixam marcas profundas em sua frágil personalidade, desencadeando



uma progressiva desorganização e empobrecimento emocional.

Para Winnicott, a capacidade de viver de acordo com o verdadeiro *self* é uma importante conquista do desenvolvimento. Simultaneamente atribui importância ao falso *self* como função defensiva e protetora do verdadeiro *self*. Destaca-se um desequilíbrio em Vincent que, completamente transparente, vê-se em dificuldade de lidar com seus repetidos fracassos e decepções. *A vida estava sempre por um fio*, por vezes parecia distante, inatingível. Sua trajetória ilustra, de modo comovente, a luta para alcançá-la e mantê-la. Winnicott (1975) escreve:

Raramente [...] chegamos ao ponto em que podemos começar a descrever o que se parece à vida, à parte a doença ou a ausência desta [...]. Isso equivale a dizer que ainda temos de enfrentar a questão de saber *sobre o que versa a vida*. Sobre o que versa a vida? [...]. Os pacientes [...] que pairam permanentemente entre o viver e o não viver forçam-nos a encarar esse problema, problema que realmente é próprio, *não dos psiconeuróticos, mas de todos os seres humanos* (p. 137-9, grifos do autor).

Vincent queixa-se com muita lucidez de não estar vivendo a vida verdadeira e vai se realizando, cada vez mais, na vida artística: “Mesmo esta vida artística, que sabemos não ser a verdadeira, parece-me tão vívida e seria uma ingratidão não contentar-me com ela” (Van Gogh, 2010, p. 200). “Acho que a vida é tão curta e passa tão rápido, ora, sendo pintor é preciso pintar” (*Ibid.*, p. 216).

Se o acontecer humano depende da intervenção do ambiente, como refere Winnicott, podemos dizer que Vincent recebe da família, e principalmente de Théo, esta sustentação que lhe facilita seguir adiante. Este aspecto da relação está presente nas cartas deste último: “No entanto, não quero que se preocupe com essas coisas, meu velho camarada, mas lembre-se de que aquilo que me dá o maior prazer é saber que você se encontra em bom estado de saúde e que está ocupado na realização de seu trabalho, o que é admirável” (Bonger, 2008, p.196). “Quanto a você, você já descobriu seu caminho, [...] sua carruagem tem rodas firmes e fortes, e eu também estou começando a descobrir o meu, graças a minha boa esposa” (*Ibid.*, p. 197):

Realmente você está dando um valor excessivo a uma coisa que é inteiramente natural, sem levar em consideração que já me pagou várias vezes, através do trabalho que realiza e da sua amizade, que é de um valor muito mais elevado que qualquer quantia de dinheiro que eu jamais possa esperar possuir (Bonger, 2008, p. 126).



Acompanhar a trajetória de vida de Vincent é também acompanhar a trajetória de uma relação de amizade que se desenvolve entre os irmãos e se mantém até o final através de correspondências. Podemos pensar a *correspondência* para além do sentido comum de troca de cartas, como um aspecto essencial da amizade (Kancyper, 2012), esta *irmandade escolhida* por afinidades recíprocas. A amizade é uma relação horizontal, de empatia recíproca: o amigo como irmão é um duplo complementar e possibilita o desprendimento do poder vertical exercido na relação pais/filhos. A amizade acontece entre semelhantes, mas não idênticos, porque, na realidade, ela engendra singularidades, identidades. Assim, podemos pensar que a amizade entre Théo e Vincent foi estruturante e fundamental para a caminhada de ambos em busca de si mesmo. Sem Théo, não haveria Vincent, assim como sem Vincent não haveria Théo. Formam uma dupla complementar marchand-artista, que se desenvolve com respeito pela alteridade e um profundo desejo de colaborar no interminável processo de construção da própria identidade e do outro.

Ao final deste trabalho, gostaríamos também de dizer algumas palavras sobre a escrita do mesmo. Refazer o percurso de Vincent para a descoberta de sua história nos exigiu um grande esforço de aproximação do material – cartas e biografias – para captar o detalhe, sem perder de vista o fio que nos levou a descortinar os seus muitos nascimentos e rupturas ao longo da vida até nascer como pintor. Tivemos também que vencer o desafio de transformar e traduzir em palavras nosso encantamento com a sua caminhada na busca de si mesmo, sua autenticidade, criatividade e relação com o irmão Théo, que, mais do que uma relação fraterna, revelou-se uma real relação de amizade. Reconhecemos ser impossível, e nem foi o nosso objetivo, reproduzir a sua história na íntegra. Mas esperamos que a versão escrita unindo fragmentos por nós escolhidos tenha comunicado algo da intensidade com que Van Gogh – este genial pintor e ser humano incomum – viveu e lutou para alcançar a vida.

“Apenas partes de nós alguma vez tocarão partes dos outros – a verdade de alguém é apenas isso na realidade – a verdade de alguém. Podemos apenas compartilhar a parte que é aceitável dentro do conhecimento do outro, portanto a gente está quase sempre sozinha. Como deve ser na natureza evidentemente – no máximo talvez isso pudesse fazer nossa compreensão buscar a solidão de



outra” (Marilyn Monroe, citado por Buchthal & Comment, 2011). □

Abstract

Life, hanging on a thread

Without Théo there would be no Vincent. We think about how much human beings need the environment to become real, create, and believe. Théo represented this shelter in the life of Vincent Van Gogh. We find in Winnicott, in *Letters to Théo*, and in three biographies on Van Gogh, the necessary references to follow the amazing trajectory of Van Gogh, an exemplary case of human struggle for life and of the difficult trajectory in the search of oneself.

Keywords: one self, human nature, environment, Van Gogh.

Resumen

La vida por un hilo

Sin Théo no habría Vincent. Pensamos en lo tanto que el ser humano necesita del ambiente para hacerse real, crear y creer. Théo representó en la vida de Vincent Van Gogh este puerto seguro. Encontramos en Winnicott, en *Cartas a Théo* y en tres biografías sobre Van Gogh las referencias necesarias para acompañar el impresionante recorrido de Van Gogh, un caso ejemplar de lucha humana por la vida y de la difícil caminata en la búsqueda de uno mismo.

Palabras clave: uno mismo, naturaleza humana, ambiente, Van Gogh.

Referências

Bonger, J. V. G. (2008). *Biografia de Vincent Van Gogh*. Porto Alegre: L&PM Pocket.

Buchthal, S., & Comment, B. (Org.). (2011). *Fragmento: poemas, anotações íntimas e cartas de Marilyn Monroe*. São Paulo: Tordesilhas.

Gayford, M. (2007). *A casa amarela: Van Gogh, Gauguin e nove turbulentas semanas em Arles*. Lisboa: Editorial Bizâncio.

Guimarães, J. (2007, 22 de setembro). A “casa sonhada de Van Gogh” [Blog a Casa Amarela]. Recuperado em <http://yellowhousenews.blogspot.com.br/2007/09/casa-sonhada-de-van-gogh.html>.

Haziot, D. (2010). *Van Gogh*. Porto Alegre: L&PM.



- Kancyper, L. (2012). *Amistad de transferencia*. Texto não publicado.
- Naifeh, S., & Smith, G. W. (2012). *Van Gogh: a vida*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Van Gogh, V. (2010). *Cartas a Théo*. Porto Alegre: L&PM Pocket.
- Veríssimo, L.F. (2011). La tristeza. *Zero Hora*, pp. 2, Porto Alegre, 25 mai. 2011.
- Winnicott, D.W. (1970). Sobre as bases para o self no corpo. In *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. (1975). A localização da experiência cultural. In *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1979a). Os doentes mentais na prática clínica. In *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. (1979b). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 31/07/2012
Aprovado em 08/08/2012

Revisão técnica de **Rosane Schermann Poziomczyk**

Nara Amália Caron

Av. Carlos Gomes, 1286/301
90480-004 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: nacaron@portoweb.com.br

Rita de Cássia Sobreira Lopes

Rua Ramiro Barcelos, 1853/112
90035-006 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: sobreiralopes@portoweb.com.br

Marlete Diesel

Rua Ramiro Barcelos, 828/205
90035-001 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: marletediesel@gmail.com

Lea Lubianca Thormann

Rua Florêncio Ygartua, 271/506
90430-010 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: lealub@pro.via-rs.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA